

LA  
Leandro Gomes de Barros

25  
**A Força do Amor**



**Preço . . . . 1\$000**

16.<sup>a</sup> Edição.—Cuidadosamente revista

EDITOR PEDRO BAPTISTA

Rua 7 de Setembro, 17—Guarabira

Estado da Parahyba do Norte

—1918—

== A FORÇA DO AMOR ==  
(Completa)



**Leandro Gomes de Barros**

Nasceu em 1865 no Município da Villa do Pombal, Estado da Parahyba, e falleceu a 4 de Março de 1918 no Recife.

O editor e proprietario reserva os direitos de reprodução de accordo com o artigo 649 do Código Civil.

## AVISO

Tendo fallecido o poeta Leandro Gomes de Barros, passou ao meu possuido a propriedade material de toda a sua obra litteraria. Só a mim pois cabe o direito de reproducção dos folhetos do dito poeta e acho-me habilitado a agir dentro da lei contra quem commetter o crime de reproducção de ditos folhetos.

Previno ás pessoas que negociam com folhetos, que tenho em deposito todos os que o poeta escreveu e que vendo-os pelos preços mais resumidos possiveis, dando bõa commissão.

*Pedro Baptista*

Guarabira, Estado da Parahyba do Norte.

"LIVRARIA PEDRO BAPTISTA"

RUA 7 DE SETEMBRO N. 17

## A Força do Amor

Nestes versos eu descrevo —  
A força que o amor tem,  
Que ninguem pode dizer  
Que não ha de querer bem,  
O amor é como a morte—  
Que não separa ninguem.

Marina era uma moça  
Muito rica e educada,  
O pai della era um barão,  
De uma familia illustrada,  
Porem ella amou Alonso,  
Que não possuia nada.

Ambos nasceram n'um sitio,  
Num dia e na mesma tarde,  
Pegaram logo a se amar  
Com nove annos de idade;  
Se todos dois fossem ricos  
Era um casal de igualdade.

Alonso era um enjeitado  
Sem ter de familia o nome,  
Criado por um ferreiro  
Trapilho e passava fome,  
Pois quem é criado assim  
Todos os dias não come.

Pelas mercês de Marina  
Alonso poude estudar,  
Marina não tinha mãe,  
Se sujeitava a tirar  
Do dinheiro do barão  
Para a Alonso sustentar.

Estava com 22 annos.  
Dispoz-se um dia Marina,  
Disse a Alonso: me peça,  
Veja o que a sorte destina,  
E' bom que se saiba logo  
Meu pae o que determina.

Amanhã pelas 10 horas  
Você vá ao barão,  
Chegue lá, declare a elle  
Que pretende a minha mão,  
Conforme o que elle disser  
Eu tomo resolução.

Se não faltar-lhe a coragem  
Havemos de conseguir,  
Meu pae não é raio electrico

Que nos possa consumir,  
Ou faz o que nós queremos  
Ou vê então eu sahir.

Alonso ahi respondeu-lhe:  
—Não obsta elle ser barão;  
Titulo comprado não pode  
Comprar a um coração,  
Elle é mortal como eu,  
Um de nós dois perde a acção.

Elle pode desherdal-a,  
Tomar tudo que for seu,  
Casar-nos com moça rica  
Não é interesse meu,  
Amo-a mais que á minha vida,  
Escravo do amor sou eu.

No outro dia ás 10 horas  
Alonso foi ao barão,  
Chegou com toda coragem  
E fez-lhe a declaração  
Que amava a filha delle,  
Pretendia della a mão.

Exclamou logo o barão:  
—E's assim tão atrevido,  
Não respeitas mais a mim,  
Aonde estás tu mettido?  
Então eu tenho uma filha  
Para dal-a a um bandido?

Disse Alonso:—sr. barão,  
Não obsta eu ser pobre,  
Sua filha é potentada,  
Me ama sem eu ser nobre,  
Amor não olha a riqueza  
Ainda que a pobreza dobre.

O barão chamou trez praças,  
Deram-lhe voz de prisão,  
Arrastaram o pobre Alonso  
Como se fosse elle um cão,  
Ou fosse algum insolente,  
Um assassino ou ladrão.

O barão chamou a filha,  
Perguntou se tinha dado  
Consentimento a um bandido  
Que o tinha injuriado,  
Pedindo-a em casamento  
Sendo elle um desgraçado.

—Fui eu, respondeu Marina,  
Que mandei elle pedir,  
O amo desde pequena,  
E se o amor não conseguir,  
No solo do cemiterio  
Irei com elle me unir.

O barão corou e disse:  
—Descanse seu coração,  
Se você casar com elle

15000

15000

Eu deixo de ser barão,  
Pois eu morto, as minhas cinzas  
Reconhecem o meu brazão.

Eu já mandei-o prender  
E fiz recommendação,  
Que não consentisse alguém  
Levar a elle agua e pão,  
Creio que mais de 10 dias  
Não terá de duração.

Disse Marina:—Meu pae,  
Pode se enganar,  
Ainda Alonso morrendo  
Se o atirarem no mar,  
Lançar-me-ei no abysmo  
E vou com elle parar.

Porque se é pobre assim,  
Não tem pai, foi enjeitado,  
E' pobre, mas tem orgulho  
De dizer: sou homem honrado!  
Pode a sorte o proteger  
E elle ser potentado.

—Cale-se, infeliz maldita!  
(Fallou irado o barão,)  
Se ainda articular commigo  
Eu boto-a n'uma prisão,  
Mato-a debaixo dos ferros  
E lhe acabo a opinião.

52

—Pode matar, disse ella,  
Sacie a sua paixão,  
Meu pae me aniquila os dias  
Mas não minha opinião;  
Só Deus sabe e mais ninguem  
O que tenho no coração.

Se recolheu ao seu quarto  
Deixando o pae no salão,  
Estudando qual o meio  
Della enganar o barão,  
Como podia tirar  
Seu amante da prisão.

Depois de pensar um pouco  
Chamou a criada d'ella,  
Disse que fosse á cadeia  
E fallasse á sentinella,  
Que ella mandava dizer  
Para vir fallar com ella.

Recebe o guarda o recado  
E promptamente chegou,  
Ella estava no jardim,  
O guarda se apresentou,  
Não houve ahí quem soubesse  
A cilada que ella armou.

Disse Marina ao guarda:  
—Você é um desgraçado,  
Mil annos que viva aqui

Não passará de um soldado,  
Solte Alonso que está preso  
Que o faço felizardo.

—Senhora, disse o guarda,  
Isso faz minha desgraça,  
Se eu fizer isso, seu pae  
Acaba até minha raça.  
Disse Marina: deserte,  
Para que você quer praça?

Dou-lhe dez contos de reis  
Para você o soltar,  
Elle vaé para o Japão  
Onde ha de negociar,  
Você deserta com elle,  
Lá pode bem se arrumar.

Ahi o guarda sahio  
Só pensando no dinheiro,  
Então pode aproveitar-se  
Do somno do carcereiro;  
Tirou-lhe as chaves do bolso,  
Soltou o prisioneiro.

Chegaram ambos ao jardim,  
Alonso com o soldado,  
Ella foi ver o dinheiro  
Que ha annos tinha ajuntado,  
Achou cem contos de reis,  
Dinheiro forte e cunhado.

Ahi disse ella a Alonso:  
—Vamos lutar com a sorte,  
Você fuja p'ra o Japão;  
Dou-lhe um falso passaporte,  
Com as paixões de meu pae,  
Você vá e não se importe.

Quando escrever para mim,  
Para não ser descoberto,  
Bote Jannaria Mendes,  
Filha de Herculano Berto,  
As que eu escrever d'aqui  
Vão: Ignacio Felisberto.

Você enricando lá,  
Depois, quando apparecer,  
Meu pae estará mais grande  
E poderá se esquecer,  
Se illude com o dinheiro,  
Tudo se pode fazer.

Quando foi no outro dia  
O barão poudo saber  
Que Alonso tinha sahido,  
Deu-lhe febre e quiz morrer,  
Não assassinou Marina  
Por um padre se interver.

Com 4 dias depois  
Veio um moço passeiar,  
Foi á casa do barão,

Esse lhe deu um jantar,  
O tal moço viu Marina,  
Pediua para casar.

O barão disse que dava,  
Porém Marina não quiz,  
Disse-lhe pessoalmente:  
Commigo não é feliz,  
Fóra de Alonso, para mim  
Não ha outro no paiz.

Lhe replicou o barão:  
A' força has de casar,  
Este homem é muito rico,  
Tem bem com que lhe tratar,  
Se não me fizer os gostos  
A vida te ha de custar.

—Meu pae, respondeu Marina,  
A morte a mim me faz bem.  
O homem que casa á força:  
Que sentimento bom tem?  
Eu sou mulher; mais á força  
Não me caso com ninguem.

E o sr., cavalheiro,  
Saiba que está enganado,  
Esposa sua eu não sou,  
Pois assim tenho jurado,  
rode ficar na certesa  
Que não logra este bocado.

O barão disse: se prompte  
Que ella não se governa,  
Inda que nisso intervenha  
A autoridade Eterna,  
Casa-se ainda que vá  
Ao fundo de uma cisterna.

Faltavam apenas dois mezes  
Para a realisação,  
Quando veio a precatória,  
Foi logo ás mãos do barão,  
Denunciando o tal moço  
Como assassino e ladrão.

Deste ficou ella livre  
Pois a justiça o prendeu,  
Porem por caipora della  
Um primo lhe appareceu;  
Pedindo-a em casamento,  
O pae promptamente deu.

Então Marina ahí disse-lhe:  
Meu pae, faça o que quizer,  
Eu só caso com Alonso,  
Dê lá a sorte o que der,  
Outro homem neste mundo  
Não ter-me-á por mulher.

O pae já havia comprado  
Um muito rico enxoval,  
Disse a ella: você casa!

Casa por bem ou por mal,  
Respondeu ella: meu pae,  
Eu preparei um punhal!

Então escreveu ao primo  
Que não viesse casar,  
Sob pena de morrer,  
Que era um calculo sem errar,  
Pois mesmo nos pés do padre  
Ella havia de o matar.

Elle mandou-lhe dizer  
Que abrandasse o coração,  
Se esquecesse de um bandido  
Que envergonhava o barão,  
Que d'alli a mais dois dias  
Ella lhe daria a mão.

Afinal chegou o dia  
Que ella havia de casar;  
Disse consigo Marina:  
Por certo hei de me acabar,  
Que romance interessante  
Alguem de mim vai formar!

Estava o altar preparado,  
O bispo e o capellão,  
O presidente da provincia,  
Que era amigo do barão,  
A sala estava repleta  
De homens de posição.

As criadas de Marina  
Vestiram-lhe o enxoval,  
Ella disse a uma d'ellas :  
Mande que dobre o signal.  
E por debaixo das roupas  
Collocou logo o punhal.

Chegou ao pé do altar  
Mesmo na occasião  
Que o bispo preparou tudo  
E o noivo estendeu a mão,  
Ella cravou-lhe o punhal  
Em cima do coração.

O punhal entrou um palmo,  
Elle cahiu sobre o chão,  
Ella perguntou ao pai :  
Está satisfeito, barão ?  
Viu como uma mulher faz ?  
Cumprí, minha jura, ou não ?

O barão ficou possesso,  
Quiz na mesma occasião  
Vibrar-lhe outra punhalada,  
Deixal-a morta no chão,  
Soluçava em desespero  
Em pensar naquella acção.

Foi um irmão do tal noivo  
Vingar nella seu irmão,  
Ella disse: este punhal

E' tudo em minha mão,  
Abaixo de Deus é elle  
Quem me dá a protecção.

Ahi cravou-lhe o punhal,  
Elle cahiu sem alento,  
Ella enxugando o punhal  
Gritou : tudo eu arrebento,  
Té meu pae, si se oppuser,  
Morre ou soffre ferimento.

Ahi o bispo pegou-a  
E deu-lhe voz de prisão.  
—Estou presa, disse ella,  
Mas não me entrego ao barão,  
Meu pae me fez assassina  
E fez minha perdição.

Apontou para o cadaver  
E lhe disse : desgraçado,  
Morreste por ser cobarde,  
Sendo por mim avisado,  
Teu irmão tambem morreu  
E foste tu o culpado !

O bispo disse : Marina,  
Eu tua garanto vida,  
Então respondeu ella ;  
Ao Snr. estou rendida,  
A morte não faz horror  
Quando a alma está ferida.

—Jurei perante a meu pae  
Que com outro eu não casava,  
Porque o amor de Alonso  
Fielmente eu conservava,  
E disse que este punhal  
Era quem me advogava.

Avisei este cobarde  
Já no ultimo momento,  
Previni-lhe que o matava  
No acto do casamento;  
Aquillo que digo, faço,  
Já cumpri meu juramento.

Meu pae fez minha desgraça  
Devido a sua ambição,  
Prefiro morrer á fome,  
Encerrada na prisão,  
Porem o amor de Alonso  
Não sae do meu coração.

Se na prisão me acabar  
E for perante ao Creador,  
Se lá eu puder fallar-lhe  
Direi a elle: Senhor,  
Toda culpa quanto tenho  
Foi entregar-me ao amor.

Disse o barão que a levasse  
Para a prisão, amarrada,  
Porque era uma assassina

Sanguinaria desgraçada,  
Duas victimas innocentes,  
Fez agora esta malvada.

A criada acompanhou-a  
Até entrar na prisão,  
Ella primeiro que tudo  
Escreveu para o Japão  
Contando tudo a Alonso,  
O que fez a afflicção.

Alonso já tinha ganho  
Dois mil contos no Japão,  
Quando recebeu a carta  
Quasi morre de paixão,  
Disse consigo: é agora  
Que eu me vingo do barão!

Na carta vinha o seguinte:  
—Alonso: me desgracei!  
Meu pae quiz casar-me á força,  
Que não casava jurei,  
Me levaram aos pés do padre,  
Lá mesmo o noivo matei.

Matei mais um irmão d'elle  
Que interveio na questão,  
Porque tambem receiava  
Que podia inda o barão,  
Visto eu ter morto meu noivo,  
Querer dar-me a outro irmão.

Tomou Alonso um vapor  
E seguiu no mesmo dia,  
Com seis dias de viagem  
Chegou aonde queria,  
Mudou de traze e de nome  
Que ninguem o conhecia.

Encontrou na rua um homem  
Que a elle pediu dinheiro,  
Porque esse avaliava  
Que Alonso fosse estrangeiro,  
Alonso o viu com as chaves,  
Conheceu ser carcereiro.

Alonso ahi perguntou-lhe:  
O amigo é carcereiro?  
—Sou, Sr. moço, disse o velho,  
Um mendigo aventureiro,  
Ha seis mezes que trabalho  
E não recebo dinheiro.

Alonso com muito geito  
Fez-lhe uma indagação,  
Perguntando:—O Sr. tem  
As chaves de uma prisão,  
Desta prisão onde está  
A menina do barão?

—E, esta (mostrando a chave)  
Com que eu lhe abro a porta,  
Ha doze dias, coitada,

Que um ferro pesado a corta,  
Tanto que eu, creio, amanhã  
Talvez amanheça morta.

—Quer vinte contos de reis  
Para a tirar da prisão?  
Disse Alonso mostrando  
O cheque que tinha na mão.  
Disse o velho: Deus me livre!  
O que me fará o barão?

—Meu amigo, eu sou Alonso  
Por quem Marina está presa,  
Moro em Japão, sou banqueiro,  
Tenho dinheiro e grandesa,  
Vim de lá occultamente  
Só tratar desta defeza.

—Eu dou-lhe o dinheiro logo  
E fuja para o Japão,  
Chegue lá, pode contar  
Com a minha protecção,  
Pois eu para os japonezes  
Tenho mais força que o barão.

O velho coça a cabeça,  
Diz ahi: eu vou pensar;  
Olhava para o dinheiro,  
Não podia dispensar,  
—Pois vinte contos de reis  
Eu não deixo de ganhar.

Ha doze dias que Marina  
Não via agua nem pão,  
Nem luz sequer lhe traziam!  
Que horrivel situação!  
Com 12 kilos de ferros,  
Quasi morta sobre o chão.

Quando chegavam-lhe as dores  
Ella assim mesmo gemia,  
Interrogava a si propria:  
Será noite ou será dia?  
Nem sequer entra uma restea  
N'esta maldita enxovia.

Meu Deus! oh que cova escura!  
Oh! tormento de modelo!  
Oh! luz do sol scintilante!  
Que nunca mais hei de vel-o!  
Sou companheira das trevas  
N'esta habitação de gelo!

Tambem pouco custará  
A pôr termo á minha vida,  
Que tem que soffra essas dores,  
Morrer aqui opprimida?  
Esse terror assim mesmo  
Não me faz arrependida.

Veio o velho com Alonso  
E entraram na prisão,  
Alonso quasi desmaia

Vendo Marina no chão,  
Poz-lhe as mãos, achou-a fria  
Que fazia compaixão.

Alonso levava leite;  
Rapidamente aqueitou,  
Pondo Marina no collo,  
Ella com pouco acordou,  
Tomou um copo de leite,  
Depois então melhorou.

Quando Marina acordou  
Que viu Alonso a seu lado,  
Exclamou: meu Deus, é sonho,  
Eu teria me enganado?  
Fitou-o e chamou por elle,  
Disse: oh anjo abençoado!

Logo que Alonso se viu  
Com Marina em seu poder,  
Disse consigo: eu agora  
Pouco me importo morrer,  
Fiz o que ella me fez,  
Pode o barão se morder.

Depois que elles estavam fora  
Um official sentiu,  
E para Alonso e Marina  
Como uma fera partiu,  
Alonso com um punhal  
Cravou-o e elle cahiu.

Chegaram mais cinco praças  
A Alonso acommetteram,  
Alonso atirou em dois,  
Alli mesmo elles morreram,  
Marina ainda matou um,  
Ficaram dois e correram.

Correu ao porto e disse  
Ao capitão do navio,  
Que queria partir logo  
Que o tempo estava de estio.  
Este disse: agora não,  
O barco inda está vasio.

No outro dia ás 10 horas  
Estava o barco preparado,  
O barão desconfiou  
Que o barco estava fretado,  
Poz em estado de sitio,  
Foi o navio embargado.

Correu-se canto por canto  
A fim de ver se os achava,  
Um velho amigo de Alonso  
Numa cova os conservava,  
Então o velho escondido  
Todo o negocio espreitava.

Alonso mandou pelo velho  
Uma carta ao capitão,  
Que fosse fallar com elle

Pois havia precisão,  
Dizendo: eu tenho dinheiro  
Que compre a navegação.

Prompto o capitão chegou;  
Então Alonso lhe disse  
Que queria retirar-se  
Occulto que ninguem visse,  
A quantia do dinheiro  
O capitão lhe pedisse.

Com pouco chegou um soldado  
Procurando o capitão,  
Chegando a elle entregou-lhe  
Uma carta do barão,  
Dizendo: custa-lhe a vida  
Se partir para o Japão.

O capitão que era forte  
Disse a Alonso: se aprompte,  
Embarque e conduza a moça,  
E connigo em tudo conte,  
Você só sai do meu barco  
Se fizerem de mim ponte.

A' uma hora da madrugada  
O navio abriu a vela,  
Seguiu de bandeira içada,  
Então a noite era bella,  
Pois no mar isto é vantagem  
Uma noite como aquella.

Assim que o vigia viu  
Que Alonso tinha fugido,  
Correu, deu parte ao barão  
Que o barco tinha sahido,  
O barão deu-lhe um ataque,  
Ficou sobre o chão cahido.

Mandou chamar uma esquadra  
E mandou que o perseguisse,  
Onde pegasse o navio  
Prendesse-o se resistisse,  
Matasse Alonso lá mesmo,  
Queimasse a filha se a visse.

Tinham andado dois dias;  
Numa manhã, muito cedo,  
Deu fé um dos tripulantes  
Que os perseguia um torpedo,  
O capitão preparou-se  
E disse: aqui não ha medo.

Com poucas horas depois  
O navio os alcançou,  
Deram-lhe voz de prisão,  
O capitão se alterou,  
Alonso sahiu á prôa,  
A batalha se travou.

Centos e quatorze soldados  
Contra o barco se botaram,  
O capitão morreu logo

Com os tiros que trocaram,  
O navio que Alonso ia  
As balas o estragaram.

Marina disse a Alonso:  
Se perdermos a victoria,  
Toquemos fogo na polvora  
Que para nós será gloria,  
De nós nem d'elle não fica  
Um só que conte a historia.

O chefe da expedição  
Disse a Alonso: se renda,  
Marina com animo disse:  
A nós não vejo quem prenda,  
Estamos sós, vamos ver  
Quem é que ganha a contenda.

Disse a Alonso: pelêje.  
E desceu logo ao porão,  
Trouxe um archote já prompto,  
E com toda disposição,  
Deitando fogo na polvora  
Foi medonha a explosão.

Porem Marina e Alonso  
Da explosão escaparam,  
Por uma felicidade  
Uma taboa ainda acharam,  
Passando por perto d'elles  
Ambos n'ella se pegaram.

Dos inimigos de Alonso  
Apenas um escapou,  
Por sua felicidade  
Um salva-vida inda achou,  
E foi elle que ao barão  
Todo occorrido narrou.

O barão, como uma fera,  
Depois de estar informado  
Foi logo ver o punhal  
Que ainda tinha guardado,  
Remetteu ao pae dos mortos,  
Que era o conde seu cunhado.

E mandou pedir ao conde  
Que guardasse por lembrança,  
O punhal com todo sangue  
Como papel de uma herança,  
Dizendo: eu só appareço  
Depois da minha vingança.

Mandava dizer na carta  
Ao conde de Montalvão:  
—Vou perseguir o bandido:  
O mato num caldeirão,  
Marina, abro-a pelas costas,  
Arranco-lhe o coração.

O conde mais a condessa  
Quando a carta receberam,  
Com esta triste noticia

Que os dois filhos morreram,  
Passaram oito ou dez dias  
Que apenas agua beberam.

O conde e sua mulher  
Todo dia consultava,  
Que de todos os seus filhos  
Apenas um lhe restava,  
E esse para o futuro  
Era quem tudo vingava.

Deixemos agora os planos  
Que os condes adoptaram,  
Vejam Marina e Alonso  
Como foi que se salvaram,  
Quasi nas ancias da morte  
Como um protector acharam.

O navio afundou logo  
Devido aos grandes estragos,  
Marina disse a Alonso:  
Morremos bem, estamos pagos,  
Nossas almas vão unidas,  
Deus verá nossos affagos.

Disse-lhe Alonso: eu contigo  
Da morte não tenho lembrança,  
Faço de conta que vou  
Para o céu n'uma mudança,  
Teu peito serve de sombra  
Onde minh'alma descança.

Disse Marina sorrindo:  
Isto aqui é um altar,  
Os peixes são sacerdotes  
Que hão de vir nos casar,  
Eu fui pedida na terra,  
O casamento é no mar.

Ambos ficaram vagando  
Esperando pela morte,  
Alonso disse a Marina:  
Vamos ver o que dá a sorte,  
Haja o que Deus for servido  
Inda que a vida nos corte.

Disse Marina a Alonso:  
Não tenho mais esperança,  
O mundo, o ouro e a familia  
Risquei tudo da lembrança,  
Tudo com a morte se acaba,  
Tudo com a vida se alcança.

Olhou para Alonso e disse:  
Vamos fazer oração,  
Nos confessemos a Deus  
E lhe peçamos perdão,  
Por tumba temos o mar,  
Por coveiro um tubarão.

Olhou para o céu e disse:  
Jesus Christo Redemptor,  
Deus e homem verdadeiro,

De todo o mundo Senhor,  
Orai por esta infeliz  
Pobre escrava do amor.

Pelo tampo do Calvario  
Onde a grande cruz se ergueu,  
Por vosso sangue innocente  
Que em gottas na cruz desceu,  
Pelas chagas, pelos cravos,  
Perdão para o crime meu.

Pelo calix de amargura  
Vos peço, meu Deus, me acudas!  
Eu só mereço que faças  
Para mim as ouças surdas,  
Vos peço por vossas dores,  
Pela tragedia de Judas.

Meu Deus! vós bem conheceis  
Meu coração trahidor!  
Não fiz trahição a meu pae  
Nem delle tenho rancor,  
Só a vós cabe saber  
A sciencia do amor.

Vos peço, oh Deus! se quizerdes  
Com pena me castigar,  
Mandae que as aguas se abram  
Para n'ellas me afogar,  
Salvando Alonso é bastante,  
Sou satisfeita em pagar.

Ahi Marina sentiu  
Uma voz desconhecida  
Dizer-lhe: tua oração  
Por Deus do céu foi ouvida,  
Com pouco vem uma onda,  
Que salvará tua vida.

Então perguntou Marina:  
Quem és tu que estás fallando?  
—Sou tua mãe! respondeu-lhe,  
Estou sempre por ti velando,  
Ha 15 annos que morri,  
Mas vivo te acompanhando.

Ahi chegou uma onda,  
Com toda força arrojou-os,  
Com espaço de 3 horas  
Sobre uma praia botou-os,  
Alonso pegou Marina,  
Ahi a onda deixou-os.

Já o sol ia se pondo,  
Seus raios de ouro morrendo,  
O manto negro da noite  
Sobre o mundo se estendendo,  
E elles esmorecidos,  
Gelados no chão, tremendo.

Marina exclamou: que frio!  
Que tome me devorando!  
Que illusões sinto, nervosa.

E dores me ameaçando!  
Será o anjo da morte  
Que está me visitando?

Nisto sentiram pizadas.  
Era um homem pescador.  
Viu os dois cahidos alli,  
Gritou com todo terror:  
E's alma do outro mundo?  
Ou serás salteador?

—Não sou alma nem ladrão,  
Nós sejos dois naufragados,  
Escapamos de morrer,  
Estamos aqui derrotados,  
Luctamos o dia inteiro,  
Sahimos, estamos gelados.

—Estão nós? perguntou o homem,  
—Ambos estamos, senhor.  
—Coitados! que lastima esta!  
Exclamou o pescador.  
Naufragos em terra alheia,  
Meu Deus do céu, que horror!

—Meu amigo, eu sou um pobre  
E pobre desprevinido,  
Sinto nada possuir,  
Disse-lhe o desconhecido,  
Porem eu vou em nossa casa  
Ver se arrumo um vestido...

O homem de sua mulher  
Conseguiu p'ra cila um vestido,  
Alonso vestiu Marina  
Que já tinha esmorecido,  
E se embrulhou numa capa  
Que o homem tinha trazido.

Disse o pescador a elles :  
Eu não tenho o que lhes faça,  
Minha casa é a mais pobre  
Que tem aqui nesta praça,  
Vamos para lá assim mesmo  
Que a noite depressa passa.

Alonso poz-se indagando  
Lepois de uma refeição  
Se alli morava um homem  
Que tivesse transação  
Ou que tomasse dinheiro  
A banqueiro do Japão ?

—Tem Monsieur Manacés.  
—E Manacés mora aqui?  
—Mora, é um negociante,  
A casa delle é alli.  
—E' meu freguez, disse Alonso :  
Só tem é que nunca o vi.

Então Alonso escreveu-lhe  
Contando todo o occorrido,  
Contando o seu embarque

Como se tinha perdido  
E da forma que se achava  
E como tinha cahido.

Manacés na mesma hora  
Veio aonde Alonso estava,  
Perguntou-lhe o que queria  
E de quanto precisava,  
Disse o que possuia,  
Ao dispor delle se achava.

Disse: preciso uma barca  
Para dar ao pescador,  
Foi muito bom para mim,  
Foi quasi o meu salvador,  
E é necessario dar-lhe  
Seja que quantia for.

O navio que Alonso vinha  
O mar o tinha arrojado,  
Estava perto da praia  
Que as aguas tinham botado,  
Tiraram, acharam o dinheiro  
Que Alonso tinha guardado.

Alonso comprou um barco  
Que estava no estaleiro,  
Procurou um capitão,  
Um homem destro e guerreiro,  
Que fosse conhecedor  
De qualquer mar estrangeiro.

Depois de cinco ou seis dias  
Tomaram o barco e partiram  
Levando quatro criados,  
E para o Japão seguiram,  
Mas logo ao chegar no porto  
Em grande lucta se viram.

Um grande peixe feroz  
Contra o barco se botou,  
Quasi que vira o navio,  
Ainda o arruinou,  
Porem vinha um calafate,  
Ahi mesmo o concertou.

Ia tudo tão tranquillo,  
Nada havia de embaraço,  
Alonso e Marina andavam  
Sempre na prôa de braço,  
O barco era como uma ave  
Que ia cortando o espaço.

Mostrava Alonso a Marina:  
Vês este sol como brilha?  
Aquelle flóco de neve  
Fingindo uma maravilha?  
Como é bella uma hora desta  
Juntar-se ás nuvens em pilha!

Nesse momento Marina  
Olhando para a amplidão,  
Observou que atraz d'elles

Vinha uma embarcação  
Com uma bandeira encarnada,  
Conheceram ser o barão.

—Alonso! exclamou Marina,  
Nossa desgraça chegou,  
Olha aquella embarcação,  
Foi Deus que nos castigou,  
Meu Deus! que grande tormento!  
Mas Alonso a acalmou.

Disse ao capitão do barco:  
Sou de novo perseguido,  
Se o barão nos alcançar  
Um de nós fica perdido,  
Elle hoje mata ou morre,  
Um ha de ficar vencido.

Marina disse a Alonso:  
—Eu sou filha e elle é pae,  
Com tudo ainda eu o amo,  
Sinto um amor que me attrai,  
Hoje somos inimigos,  
Um de encontro a outro vai.

Não passaram duas horas  
Se confrontaram os guerreiros,  
Os navios eram bons,  
Ambos fortes e ligeiros,  
O barão se preparou,  
Preveniu dois artilheiros.

Então gritou a Alonso:  
Pára esse barco, bandido!  
Hoje te arrependerás  
De seres tão atrevido!  
Alonso disse:—barão,  
Haja o que Deus for servido.

Abi gritou o barão:  
Atirem n'esse navio,  
Pois a um bandido desse  
Não se falla em desafio,  
Se elle escapar, eu vou dentro,  
Mato tudo a ferro frio.

Dispararam duas peças  
Que o navio estremeceu,  
Alonso também de lá  
Um tiro enorme lhe deu,  
O navio que Alonso ia  
Uma bala inda o rompen.

Alonso disse:—barão,  
E' melhor se accommodar,  
Volte daqui, vá viver,  
Não queira me desgraçar,  
Eu pago suas despesas  
Para o senhor se aquietar.

— Miseravel aventureiro,  
Não te quero dar ouvido,  
Tu hoje has de me pagar

Tudo que tenho soffrido,  
Num caldeirão d'este barco  
Tu has de seres cosido.

E repetiu outro tiro.  
Mas Alonso se livrou,  
Atingio no capitão,  
Uma bala o matou,  
Este morreu ahí mesmo  
Que nem gemeu nem fallou.

Um tenente-coronel  
Que acompanhava o barão,  
Saltou no navio de Alonso  
Com uma espada na mão,  
Marina deitou-lhe um tiro,  
Morreu e não fez acção.

Investiu mais um major,  
Um sargento e um soldado,  
Marina emparelhou os trez  
Com um tiro tão acertado,  
Que matou dois num momento,  
Outro morreu afogado.

O barão e dois alferes  
Contra Alonso e dois creados,  
Ambos os vasos com tiros  
Estavam muito estragados,  
Pareciam seis leões  
Luctando desesperados.

Marina disse:—meu pae,  
Deixe de ser orgulhoso,  
Attenda o poder de Deus  
Que é muito poderoso,  
Lhe peço em nome de Deus:  
Não, sêja tão rigoroso.

—Suma-se, infeliz maldita!  
Não quero ouvil-a um instante!  
Se eu aqui não me afundar  
Mato a ti e teu amante,  
Mato-te ainda que Deus  
Contra mim se metta adiante.

Tudo já tinha morrido,  
Restava elle somente.  
Alonso viu que morria  
E o barão estava imprudente,  
Soltou-lhe uma dynamite,  
Foi-se o barco de repente.

Porem por felicidade  
Sempre escapou o barão,  
Pegou-se num escaler  
Que escapou da explosão,  
Escapou quasi sem roupa  
Porem com o punhal na mão.

O navio que Alonso ia  
De vante a ré se estragou,  
Da gente ficaram elles,

O mais tudo se acabou,  
Felizmente que o dinheiro  
Marina logo guardou.

Submergiu-se o navio,  
Elles salvaram-se em um bote.  
Marina, exclamando, disse:  
—Meu Deus! naufragio é meu dote,  
Pedimos agora a Deus  
Que em bôa praia nos bote.

O barão desesperado  
Por não poder se encontrar  
Com Alouso mais Marina,  
Com intenção de inda lutar,  
Levava o punhal nos dentes  
Que chegava a se cortar.

Conseguiu inda encontrar-se  
Com o bote que Alonso ia,  
Fallava mais com a colera,  
Quasi ninguem entendia,  
Quando olhava para elles  
Todo corpo lhe tremia.

—Eis ahi, disse o barão,  
Vamos ver o que da á sorte.  
Bandido, hoje um de nós  
Será herdeiro da morte,  
As facas são testemunhas,  
Ganhe de nós quem for mais forte.

E se travaram na lucta;  
Inda Alonso se feriu,  
Alonso virou-lhe o bote,  
Elle nagua se sumiu,  
Estava morrendo afogado  
Mas Marina o acudio.

Elle salvando-se disse:  
—Inda fizeste esta acção?  
Não julgava inda achar isso  
Em teu cruel coração.  
Alonso ainda fallou-lhe,  
Elle não deu-lhe attenção.

Elle em soluço exclamava:  
—Oh que coração cruel,  
Bocca que eu tanto beijei  
Me parecia ter mel,  
Não sabia que o futuro  
Era uma taça de fel.

Em noites ella pequena  
Só acalmava commigo,  
Se ella dormindo chorava  
Eu estava sempre comsigo.  
Como se cria nos braços  
O mais tyranno inimigo!

Sahio pelo mar vagando,  
Uma embarcação o achou,  
Viu que era um naufragado

Farou o barco e o salvou,  
Elle contando quem era  
A embarcação o levou.

Então Alonso e Marina  
Sahirain tambem vagando,  
Viram um barco japonéz  
Adiante d'elles passando,  
Alonso pedio soccorro,  
Foi logo o barco parando.

Um dia e meio de viagem  
Chegaram empre ao Japão,  
Levavam os papeis prompts,  
Se casaram sem pensão,  
Descançou ahi Alonso  
Das intrigas do barão.

O barão chegou em casa  
Já achou tudo estragado,  
O palacio onde morava  
Já se tinha incendiado,  
Alguns predios que inda tinha  
Estava tudo hypothecado.

Dizia elle a si mesmo:  
—Vou morrer no estrangeiro,  
Aonde ninguem me conheça  
Quem já fui eu de primeiro.  
Ninguem zombará de mim  
Quando eu não tiver dinheiro.

Elle não sabia Alonso  
Para onde tinha ido,  
Embarcou para o Japão  
Onde era desconhecido,  
Um cheque que levava  
Chegou lá estava perdido.

Carregou frete na rua  
Afim de se alimentar,  
Cahio seis mezes doente ;  
Depois de se levantar,  
Para não morrer de fome  
Foi preciso mendigar.

Foi procurar um emprego  
E de forma alguma achou,  
Apenas numa cocheira  
Alguns mezes se empregou,  
O trabalho era pesado  
E elle não aguentou.

O leitor calcule agora  
Que horrivel situação !  
Hoje ser um jornaleiro  
Quem hontem foi um barão !  
Hontem com tanta fortuna,  
Hoje mendigando o pão !

Mas tudo isso é da vida,  
Dizia elle consigo,  
Morrerei entre os estranhos

Sem ver sequer um amigo ;  
Ninguem me perguntará :  
Que é de teu orgulho antigo ?

Aqui ninguem me conhece,  
Não saberão quem fui eu,  
Em minha terra dirão  
Que o barão já morreu,  
Não ha quem tenha prazer  
De ver soffrimento meu:

Alguns que passam aqui  
Dirão : é um desgraçado,  
Não sabem quem fui outrora,  
Desconhecem o meu passado,  
Tambem pela sepultura  
Muito breve sou chamado.

Muitas vezes o barão,  
Recordando o seu passado,  
Dizia consigo só :  
Eu sou muito desgraçado !  
Eis o meu orgulho infame  
Em que é que está tornado!

—Aquelle pobre rapaz  
Que anda no meio do mundo  
Feito um pobre foragido,  
Talvez até vagabundo,  
Eu merecia por isso  
Um soffrimento profundo.

Minha filha sendo a unica  
Que minha mulher deixou,  
E que sua mãe morrendo  
Tanto me recommenlou,  
Eu obrigar-a a chegar  
Ao extremo que chegou!

Um dia que não ganhou  
Com que comprar alimento,  
E de noite não achou  
Quem lhe desse um aposento,  
Essa noite para elle  
Foi um carcere de tormento.

Opprimido pela fome,  
Pois nada comeu no dia,  
A roupa toda rompida  
Que o corpo apparecia,  
Deitado numa calçada  
Immunda, molhada e fria.

Um dia disse Marina:  
—Meu pae ha de ter morrido.  
Aquelle grande egoismo  
Ha de tel-o consumido,  
Pois o commum do orgulho  
E' sempre ser abatido.

Disse Alonso:—eu tenho pena  
Da leucura de seu pae,  
Porque elle é orgulhoso,

E o orgulho onde vae  
Castiga, e quem o possue  
Ao seu gladio logo cae.

Alonso um dia passando  
Viu deitado um aucião  
Tendo encostado ao seu corpo  
Uma trouxa e um bastão,  
Alonso viu que elle tinha  
Todos os traços do barão.

Disse em conversa á Marina  
Que estava surprehendido,  
Porque viu n'uma calçada  
Um pobre velho cahido,  
Extraordinariamente  
Com o barão parecido.

Disse Marina: é parença,  
Elle se sacrificou  
Mas o dinheiro que tinha  
Ainda não se acabou,  
E sabe bem para onde  
Foi que você se mudou.

E aquelle orgulho d'elle  
Domina-lhe o coração,  
Me parece que inda elle  
Tendo a maior precisão,  
Sabendo de nós aqui  
Morre e não vem ao Japão.

Eu fui desobediente  
Mas tive toda a razão,  
Elle tambem como eu,  
Tendo o mesmo coração,  
Amado como eu amei,  
Faria essa mesma acção.

Alonso disse:— Marina,  
Eu fico contrariado  
Em pensar nos dissabores  
Que você já tem passado.  
Disse Marina:— é da vida,  
Meu pae foi o mais culpado.

Disse Marina: assim mesmo  
Tenho-lhe muita amisade,  
Sinto d'alma ter-lhe feito  
Essa contrariedade,  
Elle tem odio de mim,  
Eu delle sinto saudade.

Um francez disse ao barão  
Que Alonso tinha casado,  
Não deu-se bem em Japão.  
Depois tinha se mudado,  
Estava morando no Mexico,  
Estava quasi quebrado.

Por essa nova o barão  
Ir ao Japão preferio,  
O lugar era distante,

Alli ninguem nunca o viu,  
Lá não tinha um hespanhol,  
Esse lugar lhe serviu.

Bem na calçada de Alonso  
Veio elle um dia cair.  
Alonso conheceu elle;  
E para não o affligir,  
Mandou preparar um quarto  
E n'elle o introduzir.

Deu então parte á Marina;  
Essa ficou agitada,  
Mas Alonso preveniu-lhe  
Que ella não dissesse nada,  
Porque a saude delle  
Já estava um pouco arriscada.

—Vamos tratar d'elle aqui,  
Não precisa elle saber,  
Elle restabelecido  
Não faz mal nos conhecer,  
Escolhe-se a occasião  
Propria para lhe dizer.

Deu-lhe um quarto com uma cama,  
Um medico veio o visitar,  
Elle fazia um juizo  
Mas não podia acertar  
Porque meio aquelle homem  
Assim queria o tratar.

Marina, elle e Alonso  
Uma noite conversando,  
Disse elle:—eu sou um moastro,  
Justo era estar penando,  
Assassinei uma filha,  
O céo está me castigando.

Fui malvado como Herodes,  
Soberbo como Lusbel,  
Tive uma unica filha,  
Uma alma nobre e fiel,  
Contra a razão obriguei-a  
Beber a taça de fel.

Eu tinha a alma de ferro,  
Só dinheiro conhecia,  
Nunca dei uma esmola  
A um pobre que pedia,  
Eu não merecia ver  
Nem mesmo o clarão do dia.

Ah! se eu visse meu genro  
Para pedir-lhe perdão  
E pedir que me matasse!  
Eu lhe perdoava então,  
A minha vida é um fardo,  
Della não tenho precisão.

Sou eu um ente incapaz  
De um christão me soccorrer.  
Uma lagrima em Marina,

Ella não poude conter!  
Alonso viu-a chorar,  
Foi obrigado a romper:

—Seu genro, barão, sou eu,  
Por mim já está perdoado  
Já me esqueci disto tudo,  
Pode ficar descansado,  
Não é mais que isto o mundo,  
O barão estava enganado.

A' sua filha abençõe,  
Fiquemo em união,  
Não ha juiz como Deus  
Que advogue uma questão,  
Sem procurar testemunha  
Manda que ganhe a razão.

Devemos logo esquecer  
Tudo quanto foi passado,  
Eu hoje serei seu filho,  
Tenho direito sagrado  
Velar por sua pessoa  
E ser um filho estimado.

Quando o barão estava só  
Começava a meditar:  
Não ha quem seja feliz,  
E' asneira se exaltar,  
O futuro é como a noite,  
Ninguem o pode enxergar.

Eu de tão alta linhagem  
Hoje estou me vendo assim,  
Porque julguei que o orgulho  
Não havia de ter fim,  
Meu genro sendo engeitado  
E' superior a mim.

Dezesseis annos depois  
Deixou elle de existir,  
Deu um abraço em Alonso  
Antes de se concluir,  
Dizendo: estou satisfeito,  
Agora posso partir.

Veamos isso a uma analyse,  
Tudo vae-se á onde vae,  
A soberba é abatida,  
No abysmo tudo cae,  
Deus é grande e tem poder,  
Reduz ao pó qualquer ser,  
O poder d'elle é de pae.

FIM

Para o seguimento desta Historia,  
leia-se o folheto MORTE DE ALONSO  
E VINGANÇA DE MARINA.

# AVISO

---

Aos professores e negociantes de artigos para escolas, taes como livros em todos os generos e de autores adoptados, ardosias, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata borrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lapis para desenho, giz escolar, cadernos de caligraphia vertical e americana, noções de desenho, series de Alinhavos para trabalhos manuaes, borrachas, furadores para papel, palhêtas para instrumentos, giz marca "Elephante" para bilhar, caixas de papel e centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado e todos mais artigos concernentes á livraria, encontram-se á venda na

"Livraria Pedro Baptista"

RUA 7 DE SETEMBRO N.º 17

Guarabira

# Folhetos de Leandro Gomes de Barros

A' VENDA EM GUARABIRA NA

Livraria Pedro Baptista

- A Força do Amôr  
A morte de Alonso e Vingança de Marina  
A Filha do Pescador  
Historia de Rosa e Lino. (O mal em paga do bem)  
A Vida e o Testamento de Cancão de Fôgo  
A Mulher roubada  
O Principe e a Fada  
Hist. da Donzella Theodora  
Hist. de Branca de Neve  
Hist. de João da Cruz  
O Boi Mysterioso  
O Cachorro dos Mortos  
Os sc̃trimentos de Alzira  
O Reino da Pedra Fina  
A India (Hist. de Caboclo Brabo)  
A Orphã  
A vingança de um Filho  
→ A vida de Pedro Cem  
→ A vida completa de João Lezo  
→ O Nascimento de Antonio Silvino  
→ O sonho de Antonio Silvino  
→ A vida e os Sermões do Padre Cícero  
Batalha de Ferrabraz } Tirados do livro de G. Magno  
A Prisão de Oliveiros }

## NOTA

Devido a alta do preço do papel, todos os folhetos de ora em diante sofrerão também pequena alta no preço.

(LGB)